

MEGAN MAXWELL

SEMPRE A  
ENCONTRAREI

 essência

*Tradução*

Sandra Martha Dolinsky

 essência

Trecho antecipado para divulgação. Venda proibida.

Copyright © Megan Maxwell, 2014  
Copyright © Editorial Planeta, S.A., 2014  
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2018  
Todos os direitos reservados.  
Título original: *Siempre te encontraré*

*Preparação:* Roberta Pantoja

*Revisão:* Bárbara Parente e Fernanda França

*Diagramação:* Futura

*Capa:* adaptação do projeto original de Departamento de arte, área editorial Grupo Planeta

*Imagens de capa:* Shutterstock

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

M418d

Maxwell, Megan

*Sempre a encontrarei* / Megan Maxwell ; tradução de Sandra Martha

Dolinsky. -- São Paulo : Planeta, 2018.

432 p.

ISBN: 978-85-422-1429-1

Título original: *Siempre te encontraré*

1. Ficção espanhola I. Título II. Dolinsky, Sandra Martha

18-1471

CDD 863

2018

Todos os direitos desta edição reservados à  
EDITORA PLANETA DO BRASIL LTDA.

Rua Padre João Manuel, 100 – 21º andar

Ed. Horsa II – Cerqueira César

01411-000 – São Paulo-SP

[www.planetadelivros.com.br](http://www.planetadelivros.com.br)

[atendimento@editoraplaneta.com.br](mailto:atendimento@editoraplaneta.com.br)

*Ser uma Guerreira Maxwell é não se deixar vencer pelas adversidades.  
É saber se levantar e lutar pelo que se quer, mesmo tendo  
perdido algumas batalhas.*



*essência*

*Guerreiras, vocês são as melhores.*

*Megan*



# Prólogo

## CASTELO DE CAERLAVEROCK, 1312

No castelo de Caerlaverock, próximo ao condado de Dumfries, seus habitantes tristes e desolados choravam a terrível desgraça que se abatera sobre o clã Ferguson. No dia anterior, em uma das grutas do bosque, foram encontrados os corpos sem vida dos filhos do laird Kubrat Ferguson, Felipe e Kendrick, de treze e catorze anos, respectivamente, e de sua amada e doce esposa Julia com a pequena Jane.

Eles haviam saído para passear pelo belo bosque no dia do aniversário de Angela, outra das filhas, mas, pouco depois, foram encontrados mortos, desmembrados, o que deixou todos os habitantes do castelo desolados. A única que se salvou do cruel ataque foi justamente a pequena Angela.

No momento em que tudo aconteceu, a menina espevitada tinha ido pegar urze escocesa e umas ervas medicinais para a tosse de seu pai, como a mãe havia pedido. Quando voltou, não encontrou a família e foi procurá-los.

Ao encontrá-los, sem entender o que havia acontecido, ela correu até a mãe, que, caída no chão, fazia alguns movimentos estranhos. Ajoelhando-se ao seu lado com os olhos marejados, a pequena Angela chamou:

— Mamãe... mamãe...

Ao ouvi-la, a mulher tossiu, e um jorro de sangue saiu de seus lábios.

— Você tem que ser forte, meu amor — sussurrou, segurando a filha.

— Mamãe, levante...

— Você tem que ser valente, Angela — insistiu ela. — Cuide de seu pai e de suas irmãs, e quando crescer, apaixone-se, e prometa que vai desfrutar o amor.

— Mamãe... mamãe, vamos, levante — gemeu a menina, aos prantos.

Julia estremeceu e, com um fio de voz, disse:

— Mamãe ama vocês. Vá buscar o papai e diga que estou esperando por ele.

Então, fechou os olhos e parou de respirar. Angela, sem saber o que fazer, ficou vários minutos abraçada à mãe. Chamou-a, chacoalhou-a à espera de que dissesse mais alguma coisa, mas sua mãe não respondeu.

Chorando, ela se aproximou de seus irmãos. Chacoalhou-os também, mas eles não reagiram. Por fim, horrorizada e com as mãos sujas de sangue, ela correu para o castelo em busca de ajuda.

À noite, depois dos corpos terem sido resgatados, suspeitou-se de um ataque de lobos selvagens. Mas quem viu os cortes soube que aquilo só poderia ter sido feito pelo aço empunhado por meliantes e malfeitores.

Com semblante sombrio, o laird Kubrat Ferguson escutava a oração do padre Godo por sua família, enquanto suas outras filhas, Davinia, de quinze anos, May, de doze, e a pequena Angela, de dez, choravam desconsoladas. Não podiam acreditar no que havia acontecido. A mãe maravilhosa e os irmãos nunca mais estariam com elas.

Enquanto o padre Godo prosseguia com a oração, o laird olhava as filhas, aquelas três daminhas que amava com todo seu ser, e apertou os dentes para não chorar. Não podia, não devia, tinha que demonstrar força.

Olhou de novo para as meninas e segurou as lágrimas. Nunca esqueceria a expressão de terror e incredulidade da pequena Angela ao chegar ao castelo. Ela havia visto o que nenhuma criança deveria jamais ver: a morte mais brutal. Arrasado, atormentado, fixou os olhos no tecido xadrez que cobria os corpos sem vida da mulher e dos filhos.

Pensar em Julia, em seu sorriso, sua valentia e sua doçura, partiu seu coração. De repente, ele recordou a promessa que tinha feito a ela cada vez que nascia um filho deles. Uma promessa que ele sabia que no futuro poderia lhe criar problemas, mas que respeitaria, nem que fosse a última coisa que fizesse por sua esposa.

Angela, ainda muito abalada, olhou para o pai. Ficando na ponta dos pés, levou a boca a seu ouvido e, surpreendendo-o, sussurrou:

— Mamãe disse que eu tenho que ser valente e cuidar de você e de minhas irmãs.

Ao ouvir isso, o laird esboçou um sorriso triste. Pegando Angela no colo, abraçou-a e disse:

— Não se preocupe, minha menina. Papai vai cuidar de vocês.

Três dias depois, o clã capturou os bandidos com os pertences dos falecidos. O laird Kubrat Ferguson matou um a um sem piedade, olhando-os nos olhos e amaldiçoando a alma de cada um por toda a eternidade enquanto murmurava:

— Morte por morte.

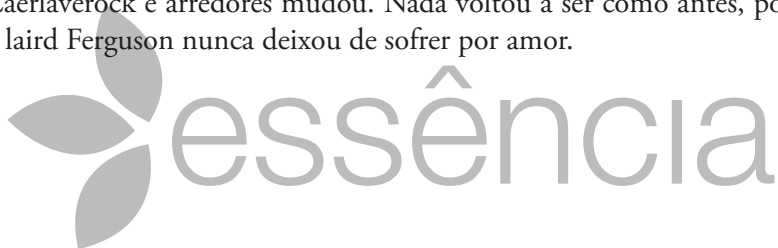
Nessa noite, depois de vingar a morte da família com toda a raiva do mundo, ele deu um beijo de boa-noite em suas três queridas filhas e, quando chegou a seus aposentos, liberou todo seu sofrimento, amargura e dor. Desesperado como nunca, ele chorou aos pés de seu leito conjugal vazio, repetindo sem parar:

— Minha vida, não posso viver sem você. Minha vida, espere por mim...

Ele não sabia que a pequena Angela o observava como um ratinho assustado por trás da porta entreaberta, murmurando:

— Não chore, papai. Eu serei valente e cuidarei de vocês.

A partir desse dia, a vida de todos os moradores do castelo de Caerlaverock e arredores mudou. Nada voltou a ser como antes, porque o laird Ferguson nunca deixou de sofrer por amor.







# 1

## ESCÓCIA, CONDADO DE DUMFRIES, 1325

O laird Kieran O'Hara fazia a viagem de volta ao castelo de Kildrummy extenuado, acompanhado de seu exército de highlanders e de sua amada mãe, depois de cavalgar durante dias até a abadia de Dundrennan. Já havia meses que estava procurando seu irmão James, conhecido como James O'Hara *o Mau*, devido a suas ações, quando recebeu notícias de que ele poderia estar naquela abadia, gravemente ferido.

Mas a viagem fora infrutífera. O moribundo que estava ali não era James. Então, Kieran decidiu retornar a Kildrummy, seu lar, perto de Aberdeen.

— Em que está pensando? — perguntou o jovem Zac.

— Em James — respondeu Kieran, observando a mãe.

Seu irmão não dava sinal de vida havia cerca de dois anos, e isso deixava Edwina, a matriarca dos O'Hara, angustiada. Desolado, Kieran não podia esquecer as tristes palavras da mãe ao abandonar a abadia de Dundrennan:

— Não sinto James. Estranhamente, já não o sinto, Kieran.

O'Hara, com o coração apertado, olhou de novo para a mãe e disse a Zac:

— O dia que encontrar James, eu mesmo o matarei, por ter causado tanto sofrimento a minha pobre mãe.

O jovem suspirou. Não tinha muito boas lembranças de James O'Hara. Ele o havia conhecido vagamente quando era pequeno e sua irmã Megan, junto com Kieran, teve que resolver um problema com James antes que se transformasse em algo irreparável.

— Eu entendo, Kieran. Mas se fizer isso, sua mãe...

— Minha mãe — interrompeu Kieran, esboçando um frio sorriso — é a única que guarda boas recordações dele.

— Eu também — interveio Louis, que cavalgava ao seu lado. — Ainda me lembro do dia em que um cavalo lhe deu um coice na virilha e o fez uivar de dor. Nunca ri tanto na vida.

Kieran soltou uma amarga gargalhada, e disse:

— O idiota do meu irmão deveria lembrar que tem uma mãe que sofre por ele. Sua ausência a deixa cada dia mais triste, e eu já não sei o que fazer para que ela sorria.

— Você deveria casar — sugeriu Zac.

Louis soltou uma gargalhada. Kieran e ele eram bons amigos e costumavam sair juntos para se divertir com as moças. Com um sorriso, Zac prosseguiu:

— Pelo que eu pude ver com meus próprios olhos quando estive em Kildrummy, a linda lady Susan Sinclair beija o chão que você pisa, e sua mãe parece gostar dela.

— Bem... eu não penso o mesmo — riu Louis.

Zac, sem escutar o que o outro havia dito, acrescentou:

— Basta ver quantas vezes essa jovem e a mãe são convidadas para passar longos fins de semana em sua casa para perceber que entre vocês há algo mais.

Sem afastar os olhos da mãe, sentada em uma carruagem olhando para a frente, Kieran sorriu e disse:

— Minha mãe e a dela são amigas, e Susan é uma boa garota. Além de ser muito bonita, não acham?

Louis assentiu.

— É bonita, mas há algo nela que não me agrada — respondeu Zac. O comentário chamou a atenção de Kieran, que perguntou, fitando-o:

— Por que diz isso?

— Segundo minha irmã Megan, Susan é simplória e chata — completou Zac.

— Megan! Só podia ser — disse Kieran ao pensar naquela mulher por quem tinha tanto carinho.

Louis soltou uma gargalhada, dizendo:

— Concordo com a irmã de Zac.

— Vocês esquecem que gosto de todas as mulheres! — replicou Kieran, com humor.

— E se tiverem peitos grandes, mais ainda! — brincou Louis.

Kieran sorriu. Susan tinha uma beleza que chamava a atenção aonde quer que fosse, mas nunca discordava dele em nada. Era dócil e submissa demais.

Louis olhou para o jovem Zac Phillips e disse:

— Há alguns meses, Kieran quase pediu Susan em casamento.

— Eu ia fazer isso por minha mãe — grunhiu Kieran.

— É sério que ia pedi-la em casamento?

Ele não respondeu, mas Louis o fez em seu lugar.

— Se na noite anterior não tivéssemos bebido até quase cair, creio que este idiota agora estaria casado com ela.

Contrariado pelo modo como os amigos falavam de sua vida, Kieran olhou para eles sisudo. Casar-se não era uma prioridade para ele, mas sua mãe desejava vê-lo com uma esposa, e ele sabia que cedo ou tarde teria que pensar nisso. Mas, como queria mudar de assunto, sibilou:

— Querem parar de falar de minha vida como se eu não estivesse aqui? Parecem duas alcoviteiras. Além do mais, só falta que minha mãe ouça vocês para voltar a insistir no assunto.

— É verdade o que Louis disse? — perguntou Zac, bem-humorado.

Kieran O'Hara assentiu e, ciente de que sua mãe não o podia ouvir, explicou:

— Aquela noite bebemos até cair. E embora eu nunca tenha querido pensar muito nisso, acho que chegou a hora de procurar uma mulher para Kildrummy, e de ter crianças correndo por meu lar. Além do mais, minha mãe está envelhecendo, e já que o idiota do meu irmão só a faz chorar, pelo menos eu quero fazê-la sorrir. Talvez, quando voltar desta viagem...

— Susan não é mulher para você, e lady Edwina também sabe disso — protestou Louis.

Kieran sorriu e olhou para a mãe. Para ela, nenhuma serviria para ele.

— Lembre-se, Louis, de que eu é que vou viver com minha esposa, e não minha mãe.

O amigo deu de ombros, mas Zac perguntou:

— E você estaria disposto a perder sua liberdade por uma mulher a quem não ama?

Kieran riu, trocando um olhar com Louis.

— O fato de eu me casar com Susan não mudará minha vida. Eu não caí no conto do amor e das palavras adocicadas, como Duncan, Lolach ou Niall. Segundo eles, encontraram a mulher que os completa, mas, se eu me

casar, não será pelos mesmos motivos. Digamos que meu casamento será algo prático, que me permitirá continuar vivendo a vida fora de casa como sempre.

— Vocês seriam capazes de se casar sem amor? — perguntou Zac.

Louis e Kieran se olharam por um momento antes de responder, até que por fim o último disse:

— Sem sombra de dúvidas.

— Tem certeza? — insistiu Zac.

— Absoluta — afirmaram os dois amigos em uníssono, soltando uma gargalhada.

Susan Sinclair era uma das belezas das Highlands. Vivia em uma maravilhosa mansão em Aberdeen, com os pais. Era uma mulher delicada e sensual, de cabelos claros como o sol e olhos da cor do mar, e embora muitos a cortejassem, Kieran tinha certeza de que ela só aceitaria a ele. Talvez houvesse chegado a hora de dar o passo.

— Bem, então, pelo que diz, Susan será uma boa companhia para sua mãe — concluiu Zac.

— Eu não acho — replicou Louis, que conhecia bem Edwina.

Sem lhe dar ouvidos, o jovem prosseguiu:

— Ambas poderão costurar, cozinhar, cuidar das flores. Se bem que... bem, eu sei por minha irmã que...

— Megan de novo? — riu Kieran, pensando naquela beleza de olhos escuros. — Vejamos o que essa maldita bruxa morena lhe disse agora.

— Segundo ela, você precisa de uma mulher que desinfele seu ego e que saiba dizer não a muitas coisas. Ela acha que só isso o fará feliz.

— Sua irmã é um verdadeiro demônio — respondeu ele, achando graça.

— Ela também diz que as mulheres facilitam muito as coisas quando você sorri para elas, e que só alimentam sua vaidade. Que aquecem sua cama, mas não seu coração.

— Dizer que ela é um demônio é pouco — exclamou Kieran, rindo de novo.

— Por que escolher apenas uma se há tantas dispostas a nos dar prazer? — perguntou Louis, sorrindo.

— Sim. Segundo Duncan — prosseguiu Zac —, paixão e mulheres não lhes faltam, e vocês são felizes com o que elas lhes dão.

— Duncan sim é que nos conhece e sabe do que precisamos — assentiu Kieran, alegre, olhando para Louis, que ria.

Ao anoitecer, chegaram aos arredores de Dumfries. Ali, o laird O'Hara procurou uma pousada decente para que a mãe e sua dama de

companhia, Aila, passassem a noite. Dormir ao relento não era o que mais agradava a nenhuma das duas.

Depois de deixá-las no local, com vários highlanders para que as protegessem, Kieran foi com seus guerreiros a um bordel próximo para refrescar a garganta.

De madrugada, cansados e meio embriagados, alguns O'Hara decidiram adentrar o denso bosque de carvalhos para dormir um pouco, apesar da chuva e ignorando as advertências do estalajadeiro, que havia dito que o lugar era encantado.

Eles encontraram algumas grutas, juntaram lenha seca, fizeram um bom fogo e desenrolaram suas ásperas mantas e tartãs. Deixando Arthur como sentinela, os demais se acomodaram no chão para dormir.

Mas o que esperavam que fosse um merecido descanso logo se transformou em uma loucura. Estavam sendo atacados!

Alertado pelos gritos, Kieran se levantou e saiu da gruta com os homens que o acompanhavam. A chuva o acertou em cheio no rosto, e ele se sentiu meio zozno. Com a vista embaçada, pôde ver Zac e Louis se levantando desajeitadamente.

Instantes depois, viu Louis cair, e depois dele, Zac. Quando Kieran foi ajudá-los, um forte golpe na cabeça o derrubou.

O sangue que escorria por seu rosto, a chuva, a tontura e a força do golpe o impediam de se mexer.

Impotente, começou a praguejar e a jurar que mataria os bastardos que os haviam atacado. Ele, um highlander experiente, que havia lutado centenas de batalhas, sido gravemente ferido em várias ocasiões e que era temido por muitos exércitos, naquele estado se sentia um verdadeiro inútil e uma presa fácil.

Por fim, conseguiu se sentar, mas um chute no peito tornou a jogá-lo no chão. Enquanto um pé o pisava com força e a ponta de uma arma espetava seu queixo, ouviu alguém dizer:

— Vou matar vocês rápido e, em troca, ficarei com seus cavalos.

Cada vez mais irritado, Kieran gritou, ainda sem ver com clareza:

— Voltarei da tumba para matar vocês!

O homem deu uma gargalhada, apertando ainda com mais força o pé contra o peito de Kieran. Este, sem se dar por vencido, tateava ao redor em busca de sua espada, mas, antes que a pudesse alcançar, um assobio fez o bandido olhar para sua direita, um segundo antes de desabar.

Por sorte, Kieran foi rápido e se afastou. Se não tivesse feito isso, aquele bastardo teria cravado a espada em sua garganta na queda.

Ainda tonto, conseguiu pegar sua arma, mas, ao se levantar, deu um tropeção que o fez cair de novo.

Maldição!

Estava cada vez pior. Tentou se levantar mais uma vez, mas foi impossível. Precisava pensar com clareza e ir ver como estavam seus homens, em especial Zac. Se acontecesse alguma coisa com o garoto, Megan o mataria por não o ter protegido.

De repente, seu olhar turvo captou vários encapuzados que, com uma destreza impressionante, abatiam os meliantes. Ele os viu atacar, pular de árvore em árvore e dizimar os bandidos com uma agilidade que o deixou impressionado. Quem seriam?

Depois de um imenso caos, minutos mais tarde a calma voltou ao bosque. Sua visão estava nublada, e Kieran era incapaz de enxergar com clareza. O que estava acontecendo? Ao seu redor tudo estava borrado, confuso, mas ele notou que os encapuzados se aproximavam. Rapidamente, ergueu o aço, mas um golpe certeiro em sua mão lhe arrancou a espada.

— O que vocês querem? — gritou Kieran.

Eles se agacharam, e uma voz doce respondeu:

— Fique calmo. Viemos ajudá-los.

Zonzo, sem poder fixar os olhos em nada nem em ninguém, Kieran notou que vários desconhecidos se moviam ao seu redor. Falavam baixo demais para que ele pudesse ouvir o que diziam.

— Quem são vocês? — perguntou Kieran.

— Isso não importa agora — respondeu um homem.

Então, outra voz, tão doce quanto a primeira que havia falado, disse:

— Passe-me a bolsa. Este homem está ferido.

*Ferido? Quem está ferido?*, pensou Kieran.

Entre os murmúrios, distinguiu vozes femininas. Sentia vontade de vomitar. Não sabia o que estava acontecendo. Até que uma voz rude e forte disse:

— Estes são laird Kieran O'Hara e seus homens.

Ao ouvir seu nome, Kieran se mexeu e disse:

— De onde você me conhece?

Ninguém respondeu à sua pergunta, mas uma das mulheres disse:

— Bebam isto. Fará o veneno desaparecer do corpo de vocês.

— Veneno?!

Um doce riso ecoou perto do ouvido de Kieran.

— Puseram veneno na bebida de vocês para deixá-los zonzos, roubá-los e matá-los. Para sua sorte, um dos meus homens também estava no bordel e notou o que estava acontecendo. Mas, fique tranquilo, com essa poção, vocês vão se curar depressa.

Kieran gritou. Certamente mataria quem havia feito aquilo. Com certa dificuldade, estendeu a mão e, segurando com força o braço da pessoa que havia falado com ele, perguntou:

— Você é uma mulher, não é?

Ela sorriu, ainda com o capuz. Conhecia os efeitos daquele veneno e sabia que ele a via borrada. Limpou o sangue do rosto dele e respondeu:

— Por acaso isso importa?

Desesperado por se sentir tão fraco, Kieran sussurrou:

— Qual o seu nome?

A mulher o fitou. O homem ferido era louro de olhos claros, corpulento e bonito. Sem dúvida alguma, um habitante das temidas Highlands. Tratando da ferida que ele tinha na testa, ela respondeu:

— Só deveria lhe importar que salvamos sua vida e também a de seus homens. E agora, se ficar quieto, vou acabar de tratar essa ferida feia que você tem.

— Qual é seu nome? — insistiu ele.

— Shhhh... nem mais uma palavra, ou vou ficar brava.

Os encapuzados se entreolharam e sorriram.

Enquanto um grupo levava os corpos dos assaltantes para sumir com eles, as mulheres cuidavam dos feridos. E a que cuidava de Kieran cantarolava:

*No bosque encantado  
eu o encontrei  
ferido e assustado  
por...*

— Não estou assustado — protestou ele.

De novo, aquela risada maravilhosa encheu seus ouvidos.

— A canção está dizendo, não eu.

— Não estou assustado, estou furioso! — rosnou ele.

— Muito bem — disse a jovem. — Visto que sua vaidade é grande, mesmo em um momento como este, cantarei outra, que diz:

*Das Highlands chegou  
corajoso e zangado  
mas medo não me provocou  
mesmo sendo um homem irado.*

Kieran sorriu sem forças, mas disse:

— Pois deveria ter medo de mim, de tão irado que estou.

Sem a menor sombra de medo, ela levou a boca ao ouvido dele e sussurrou:

— Eu não tenho medo de nada nem de ninguém.

— E da morte?

— Menos ainda.

Apesar de se sentir tão mal, Kieran teve vontade de sorrir diante da eloquência e determinação daquela mulher. Sem dúvida, além de ter mãos suaves, ela era corajosa e tinha uma linda voz.

Nesse instante, ela olhou para a jovem que ao seu lado cuidava de outro highlander e perguntou, surpresa:

— O que está fazendo?

Soltando uma risadinha quase inaudível, a outra encapuzada levou a mão aos lábios, pôs uma flor cor de laranja na orelha de Zac e murmurou:

— Oh... beijando-o. Mas ninguém vai saber. Não consegui resistir.

— Está amanhecendo, temos que ir — disse uma voz de homem com firmeza.

— Só mais um instante, logo termino — respondeu a que cuidava de Kieran.

Quando acabou, ela ia se afastar, mas Kieran, ao notar que o abandonava, pegou-a pela mão e a puxou, fazendo-a retroceder.

— Diga-me quem é você — insistiu, antes de quase desmaiar.

— Sua salvadora — sussurrou ela, fitando-o nos olhos.

Sem soltá-la, ele murmurou a meia-voz:

— Você está jogando com vantagem. Diga-me quem você é, e... e... quando eu melhorar, vou procurar você... e poderei... agrad...

Não pôde acabar a frase.

A jovem sorriu tranquila, sabia que ele estava bem, apesar de praticamente desmaiado. Tocou com delicadeza aqueles cabelos louros. Embora fosse tentador tornar a ver aquele homem, e se deixar cortejar por ele, não podia revelar sua verdadeira identidade. No entanto, antes de



partir, quando viu sua gente se afastar, levou seus lábios aos dele e o beijou com delicadeza, murmurando.

*Do bosque encantado,  
uma fada o salvou,  
e em um momento inesperado  
um beijo lhe roubou.*



## 2

Quando Kieran despertou, não sabia quanto tempo havia se passado. Abriu os olhos, e a primeira coisa que viu foi o rosto angustiado da dama de companhia de sua mãe.

— Ele está voltando a si, minha senhora. Está voltando!

Zonzo, ele se virou para ela. Nesse momento, ouviu sua mãe gritar:

— Filho, que susto! O que aconteceu?

Ainda tonto, ele viu que o bosque escuro e chuvoso da noite anterior estava cheio de luz e de alegres cantos de pássaros.

Parecia que haviam lhe cravado mil espadas na cabeça.

— Como vocês não voltaram para a pousada — explicou sua mãe —, mandei nossos homens buscá-los, e, oh, Deus... que susto levamos! O que aconteceu, filho? — perguntou de novo.

Sem poder responder, porque ele mesmo não sabia, Kieran disse:

— Calma, mãe, estou bem.

Pesarosa e preocupada, ela se aproximou e, acariciando os cabelos do filho, replicou:

— Bem? Bem?! Como pode dizer isso nesse estado? Oh, você tem uma ferida na testa e sangue no pescoço.

— Mamãe...

— Quem cuidou de você? Quem os atacou? Pelo amor de Deus, você e seu irmão vão me matar de desgosto.

Irritado por estar naquele estado e pelas contínuas perguntas e recriminações da mãe, ele foi protestar, quando ela, mudando de tom, murmurou:

— Meu tesouro, tenho medo que lhe aconteça alguma coisa.

Kieran conseguiu se levantar e, aproximando-se dela, sussurrou em seu ouvido:

— Mãe, já lhe disse milhares de vezes que não me chame de “tesouro” diante de meus homens.

— Por quê?

— Pelo amor de Deus! Porque eu sou o laird O’Hara. O que eles vão pensar?

— Você sabe que nunca me importei com o que os outros pensam.

Kieran assentiu. Sem dúvida, era verdade.

— Por mais laird O’Hara que seja, eu sou sua mãe e você é meu tesouro, e ninguém vai me impedir de chamá-lo assim quando eu quiser, entendido? — acrescentou a mulher.

— Mãe...

— Sim, tesouro.

Ele revirou os olhos e decidiu desistir. Às vezes, era impossível argumentar com ela.

Ao ver a cara do filho, Edwina sorriu. Kieran era um amor. Era carinhoso, atencioso, dedicado, mas quando se irritava ou implicava com algo, era impossível argumentar com ele.

Pouco depois, quando ele conseguiu convencer a mãe a esperar na carruagem com sua dama de companhia, ele caminhou até seus homens sentindo-se um pouco melhor.

— Você está bem, Kieran? — perguntou Louis.

Ele assentiu, e viu que o aspecto de seu amigo não era muito melhor que o seu.

— Por São Drustan, que dor de cabeça! — exclamou Zac.

O jovem estava com a mão na cabeça, apoiado em uma árvore.

Com a boca seca, Kieran pegou o odre de água que um de seus guerreiros lhe oferecia e bebeu. Estava sedento. Em sua mente havia um único pensamento: encontrar os atrevidos que os haviam atacado, mas também quem os haviam salvado.

O laird Kieran O’Hara era considerado um highlander de bom temperamento, que poucas vezes se irritava. Tinha uma personalidade afável, era conciliador com as pessoas e sedutor com as mulheres. Mas, nesse momento, ele não era nada disso. Um humor sombrio havia se apoderado dele, e ele só queria encontrar os bandidos e fazê-los pagar pelo acontecido.

Ainda aturdido, devolvendo o odre ao guerreiro, perguntou:

— Estão todos bem?

Todos assentiram com um murmúrio, mas quando Zac quis saber o que havia acontecido, Kieran não pôde lhe dar uma resposta.

— Ainda não sei... mas encontrarei, matarei, degolarei e esartejarei os infames que ousaram fazer isso conosco — rosnou.

— Kieran, pelo amor de Deus! — gritou sua mãe, horrorizada.

— Mãe, volte para a carruagem.

— Preciso esticar as pernas, filho — respondeu ela depressa.

Ao vê-la se afastar, Kieran, alterado, sibilou:

— Maldição. Malditos bandidos.

O jovem Zac suspirou e Louis inclinou a cabeça. Ver seu laird nesse estado não era algo de que gostasse.

— Meu senhor — interveio um dos highlanders —, creio que deveríamos voltar para nossas terras.

— Eu penso como Gindar. Deveríamos voltar a Kildrummy — disse Edwina, sem se importar com o olhar do filho pedindo-lhe silêncio.

— Nem pensar. Primeiro, tenho que saber o que aconteceu — disse Kieran.

— Filho, por Deus...

Mas, ao ver o olhar sombrio do laird, ela se calou e assentiu. Depois que ela voltou para a carruagem, Zac foi até seu amigo e, com um sorriso brincalhão, murmurou:

— Eu não esperava menos de você. — E mostrando-lhe a flor cor de laranja que tinha nas mãos, acrescentou: — Eu também quero saber quem foi o atrevido que me usou de vaso, e fazê-lo pagar.

— Roubaram cavalos ou alguma coisa? — perguntou Kieran.

— Não.

— Nada? Não levaram nada? — insistiu, surpreso.

— Absolutamente nada. Nem uma moeda, nem uma espada... não falta nada — respondeu Louis. — Há sinais de luta, mas nenhum meliante morto nem ferido. E nossas feridas foram tratadas. Afinal, quem esteve aqui?

A voz da desconhecida inundou a mente de Kieran, que franziu o cenho.

— Só me lembro das vozes de umas mulheres que...

— Um as mulheres? — interrompeu Zac, tocando a flor cor de laranja. Kieran assentiu.

— Um grupo de mulheres e homens nos ajudaram, mas não sei mais nada.

— Há mulheres tão corajosas por estas terras?

— Parece que sim — replicou Kieran, e sorriu pela primeira vez.

— Gosto disso — murmurou Zac, também sorrindo.

Levando a mão à testa com cuidado, Kieran acrescentou:

— Antes de eu perder a consciência, uma das mulheres disse que os atacantes haviam nos envenenado no bordel. — E com expressão adusta, sibilou, olhando para seus homens: — Voltaremos lá e esclareceremos as coisas.

Todos recolheram suas armas e se prepararam para partir. Kieran estava tentando recordar algo mais quando Louis se aproximou dele.

— Talvez seja verdade que este bosque é encantado.

Ao ouvi-lo, Kieran se deteve e pensou na cançãozinha que falava sobre um bosque encantado. E, sem saber por que, levou a mão aos lábios e estremeceu.

Montou o corcel negro, olhou para seus homens e, dando a ordem, voltaram ao bordel em busca de explicações, enquanto ele continuava se perguntando quem era a mulher que o havia ajudado.

